

# "Cibercultura, Identidade e Educação: O `Eu` sem limites

**Leonardo Charréu,**  
**DPE-CIEP Universidade de Évora**  
<http://ensinartes.blogs.sapo.pt>  
[leonardo@uevora.pt](mailto:leonardo@uevora.pt)

Para localizar e citar este artigo / to find this paper and for citation:

Charréu, L. (2007). *Cibercultura, Identidade e Educação O `Eu` sem limites*. In Actes Digitales del III Congreso ONLINE OCS Observatori per a la Cibersocietat. Barcelona: FOBSIC [In CD rom]. Depósito legal: B-40053-2007 - ISBN: 84-611-7675-5

## Abstract

Personality and identity has a recent record of shifts and changes pushed by diffuse social and cultural conditions of Modernity and Postmodernity. Not only new technological devices, based on image manipulation, but also the new types of social organization, must be truly mapped in order to better understand the phenomena of identity change and the hypothetical disorder placed on human interaction contexts, such as schooling and education.

This paper tries to gather some contemporary thoughts on the subject, globally considered under an educational perspective. Some paradoxes are highlighted, specially the ones relating individual and public spheres of behaviour and citizenship. The identity change as entertainment is also tinted. Moreover, based in referenced researchers, the author argues that sequential personal narratives become more and more inadequate to fix the real complexities of a completely new paradigm, highlighted by authors such as Bauman, Kerckhove, Giddens, Lasch, Hargreaves and Morin, among others.

Key Words: Identity, Personality, Virtual Reality, Modernity, Postmodernity,  
Globalization

Palavras Chave: Identidade, Personalidade, Realidade Virtual, Modernidade, Pós-  
Modernidade, llobalização.

*“Se na sociedade tradicional a personalidade recebe-se, na pós-modernidade ela constrói-se”*

David Lyon

Segundo Giddens (1991) a auto-identidade na alta modernidade (que é a designação que prefere utilizar para referir-se à pós-modernidade), torna-se um empreendimento reflexivamente organizado. O "*projecto reflexivo do Eu*" que consiste, muito simplesmente, em manter narrativas biográficas coerentes, embora sob constante revisão, tem lugar num contexto de múltiplas escolhas filtrada por sistemas abstractos. A edificação deste *projecto* ocorre num momento em que a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de "*mecanismos de desençaixe*" (1)

Partindo de um ponto de vista sociológico, o facto de podermos *construir* a nossa personalidade, a partir de uma variedade enorme de "opções" pode ser visto como uma conquista positiva proporcionada pelas condições da pós-modernidade e pela nossa travessia dos seus paradoxos, aqueles que ainda não terminamos de descrever. Ainda partindo de uma perspectiva positiva, esta construção da personalidade pode permitir-nos aquilo que os sociólogos designam por "mobilidade social", isto é, na nebulosa aparentemente horizontal que constitui a classe média, podermos galgar patamares em direcção ao topo.

Deixamos, pelos vistos, de "herdar" a nossa personalidade, contrariando aquilo que o senso comum de outrora designava por "destino", hipoteticamente atribuído e definido por nascimento, numa concepção da realização humana pré-moderna. Ora precisamente uma das grandes empresas do modernismo - temos de admitir que teve um assinalável sucesso - foi a de contrariar a sedentarização e o destino social do indivíduo, com o implemento da instituição escolar de acesso universal, na qual o indivíduo, pela aquisição de conhecimento podia, enfim, realizar-se.

No entanto, este processo de construção da personalidade, que sabemos não ser inteiramente controlado e consciente, também pode ser visto como uma tarefa sujeita, tal como muitas outras, àquilo que doravante nos distingue uns dos outros: a nossa capacidade de consumo (2). Isto é, podemos construir uma personalidade forte se tivermos possibilidades de escolher "comercialmente" os melhores meios e os melhores produtos que conformam a personalidade (boas instituições educativas, bons produtos culturais, aquisição de capacidades e competências extra-escolares, como o domínio de mais do que uma língua, o domínio de uma linguagem artística etc.).

Em certa medida, goraram-se as possibilidades de emancipação que esta "*nova*" possibilidade de escolhermos a nossa personalidade nos proporcionava, na medida em que um número elevado de indivíduos excluídos e marginalizados não tenham sabido, por condicionalismos vários, encontrar um modelo ou os modelos adequados de personalidade. Na realidade, esta nova possibilidade implicou também a pose de uma nova *capacidade*: a de nos podermos mover mental e fisicamente pelos paradoxos pós-modernos sem todavia perdermos a integridade que nos individualiza.

Segundo Morin (1969: 190), "*não há respostas mágicas para as contradições da existência, estas estão em movimento, esse movimento pode criar respostas, também em*

*movimento.*" É esta capacidade de *gerar respostas em movimento* que, no quadro competitivo existente hoje pela edificação da personalidade mais consistente, diferencia os indivíduos que obterão sucesso dos outros que, fatalmente, tenderão a ser excluídos.

Para Bauman (1992): "*O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se, mas evitar que se fixe*". No que se salienta, mais uma vez, o *movimento* como uma das categorias centrais do mundo pós-moderno e globalizado. Um movimento que desconhece obstáculos e está intimamente relacionado com a velocidade e com uma tendencial obsolescência de um conjunto enorme não só de objectos mas também de modelos de organização social.

No que diz respeito às relações entre o indivíduo e a sociedade, e à edificação da personalidade, observa-se hoje um nítido regresso ao indivíduo, com o desenvolvimento de análises sobre o consumismo (a que já aludimos), sobre os modos e estilos de vida, sobre o narcisismo, e sobre a vida privada, num sentido mais lato. No que constitui um dos paradoxos pós-modernos, a vida individual nunca foi tão pública e, simultaneamente, nunca foi tão prontamente devassável e *padronizável*. Os hábitos e costumes regionais cedem com uma facilidade estonteante à pressão da optimização económica, do universo *on-line* e da cultura de massa.

Para Hargreaves (1998:78): "*a pós-modernidade acarreta mudanças, não só naquilo que experimentamos, nas nossas instituições, mas também na maneira como o experimentamos, nos nossos sentidos individuais de individualidade e de identidade*"

No nosso mundo crescentemente informatizado e marcado pela omnipresença da alta tecnologia e da imagem instantânea, aquilo que antes representava uma espécie de interioridade unívoca e substancial é cada vez mais visto como uma mera constelação de signos com os quais o indivíduo passa a contar para a construção da sua personalidade.

Como os signos possuem hoje significados múltiplos devido, em parte, à queda das certezas morais e científicas, estando igualmente sujeitos a leituras múltiplas bem como a formas infinitas de *desconstrução*, é a própria ideia de pessoa, que se constrói a partir deles, que se torna hoje "*suspeita*" (Hargreaves, 1998:78). Assistimos hoje à emergência das chamadas personalidades múltiplas que sendo também fontes descentradas de responsabilidade tornam as relações entre as pessoas potencialmente mais volúveis e mais instáveis.

O desenvolvimento tecnológico, em particular no campo da imagem, está a alterar, no homem, a consciência de si. As imagens manipuladas digitalmente podem representar com um grau de realismo espantoso qualquer tipo de realidade, pertença ela ao passado, ao presente ou ao futuro. Hoje é muito difícil fazer crer a uma criança de que não existem dinossauros dado que elas vêm-nos no cinema e na televisão com um grau de realismo surpreendente. Para uma criança (e para muitos adultos) "aquilo" que corre, pisa a lama e deita vapor pelas narinas, à frente de actores de carne e osso, não pode pois ser irreal.

Segundo Kerckhove (1997:266)"*o efeito de feedback das reacções moduladas pela realidade virtual podem distorcer o sentido de si tal como uma droga ou uma interrupção num circuito*". A diferença entre as drogas alucinógenas e uma experiência

com realidade virtual estaria no facto da experiência da realidade virtual ser totalmente controlável e totalmente analisável, enquanto a maioria das drogas possui efeitos secundários extremamente perigosos para a estabilidade física e emocional do indivíduo, criando dependência e habituação. De uma forma optimista, que trespasa toda a sua obra, Kerckhove (1997) acredita de forma profética que a mudança de identidade possa vir a ser, no futuro, "*a mais divertida forma de entretenimento*". É preocupante esta ideia de, para nos divertirmos, necessitarmos de mudar de identidade. Resta saber como se poderá realizar este *entretenimento* se os seus efeitos, num mundo de comunicação interpessoal que é, em particular, o mundo da educação, colidirem com os que, em vários contextos (sala de aulas, sala de professores, reuniões formais etc.), precisam de uma identidade forte para desempenharem com competência o seu trabalho.

Assim, as novas tecnologias projectam também uma ideia de realidade que sendo virtual tende a confundir-se e a camuflar-se com a realidade concreta. Daí que, segundo (Kerckhove, 1997:237): "*na eminência da realidade virtual podemos achar cada vez mais difícil distinguir entre as nossas identidades naturais e as extensões electrónicas*" considerando que "*o problema advém da natureza eléctrica de ambos os ambientes em que nos movemos: o biológico e o tecnológico*".

Claudia Doná (3) (citada por Kerckhove) sugere um novo tipo de ser humano à procura de características globais:

*"...como nómadas telemáticos libertamo-nos dos constrangimentos de uma coincidência histórica entre espaço e tempo e ganhamos o poder de estar em todo o lado sem sairmos do mesmo sítio"* .

Holgoni Siqueira, (2001) completa com um discurso simples a ideia de Doná em relação ao novo relacionamento do indivíduo com o tempo, afirmando que a trama do tempo na contemporaneidade "*despediu-se da sua máscara linear, sequencial, objectiva e anónima*".

Organizando agora os seus focos de uma forma flexível centrando-se e recentrando-se, convidando cada homem (e mulher) "*a construir uma narrativa singular do presente*". A ideia de história como um fluxo linear, unívoco e progressivo de fatos, como o já tinha provado Vattimo (1987 e 1994), é completamente inadequada para explicar hoje o mundo.

Este novo relacionamento com o tempo traz consigo a possibilidade de expandirmos as nossas personalidades psicológicas para além dos limites da pele e do corpo (Kerckhove, 1997:237). O universo deixou então de funcionar à escala do corpo humano. Aliás corpo e pessoa deixaram de ser contíguos (Hargreaves, 1998:78). Pela primeira vez, em cerca de meio milénio, fomos projectados para fora da tradição humanista (4) onde o iluminismo foi buscar as bases para lançar o projecto moderno.

No entanto outros autores, como Christopher Lasch e Anthony Giddens, preocupam-se mais com temas situados dentro daquilo que poderá conformar a personalidade na contemporaneidade. Se bem que parecem não negar o papel das novas tecnologias de *dissolução semiótica* na relação que o indivíduo passou a ter consigo

mesmo e com os outros (que é uma das grandes preocupações de Kerckhove), podemos considerar o trabalho de Giddens (1991) e Lasch (1979), e a visão sociológica que ambos defendem, bem mais próximo do âmbito e das problemáticas que esta reflexão procurou circunscrever.

Para estes autores, são os modelos de socialização dos jovens e as formas contemporâneas de organização social os grandes responsáveis pela diluição das fronteiras da individualidade em que este "Eu" ilimitado pós-moderno se sustenta.

Lasch parece não ser propriamente defensor dos modelos exageradamente autonomistas, entre os quais poderemos incluir a modelo autoexpressivo de educação artística em que o ênfase é colocado na realização, na expressão e no desenvolvimento pessoal. Lasch encontra nestes padrões as origens de uma personalidade narcisista e a génese de uma cultura do narcisismo que são hoje, a vários níveis, uma das imagens de marca das sociedades pós-modernas.

A socialização e a profissionalização das técnicas de educação, segundo Lasch, faz emergir o narcisismo (5) nas crianças ao criarem um ideal de paternidade e de maternidade perfeitos ao mesmo tempo que destroem a capacidade dos pais para desempenharem as funções mais elementares de educação dos seus próprios filhos.

Com a pós-modernidade e em particular devido a alguns dos seus fenómenos mais representativos (como o mosaico fluído e a flexibilização da economia) os pais deixaram de dedicar tempo à educação dos seus filhos, que agora passou a ser uma coisa de especialistas. Os pais de hoje são pois completamente dependentes destes especialistas que, a todo o tempo, querem também "*mostrar serviço*" às famílias.

Em vez de complementarem o trabalho educativo com o ensino das mais elementares regras de sociabilização, o conhecimento dos valores morais, mesmo os mais prosaicos, os pais de hoje, no escasso tempo que passam com os filhos, dificultam o trabalho dos educadores e professores mais esclarecidos que continuam a acreditar na educação como forma de crescimento pessoal, em que a atenção pelos outros e pelas dimensões globais da acção humana, deveriam estar à cabeça da acção educativa.

A julgar pelas afirmações de Lasch (1979:171), um ciclo geracional já se encontra fechado pelo facto de:

*"as atenções incessantes (e, todavia, curiosamente superficiais) da mãe narcisista para com o filho interferem constantemente com o mecanismo da frustração óptima. Pelo facto de encarar tão frequentemente o seu filho como uma extensão de si própria, ela desperdiça com ele atenções que estão bizarramente fora de sintonia com as suas necessidades, fornecendo-lhe excesso de cuidados, aparentemente solícitos, mas destituídos de qualquer afecto verdadeiro. Ao tratar a criança como uma posse exclusiva, a mãe deposita nela um sentido exagerado de importância; ao mesmo tempo, dificulta ao filho a confissão do seu desapontamento perante as limitações da mãe".*

A incapacidade de se distinguirem dos seus pais em virtude da manifesta incapacidade deste últimos para lhes imporem limites (sobretudo em relação ao que consomem) e disciplina, em particular na sua gestão da vida escolar e no cumprimento das mais simples regras da convivialidade familiar, tem como corolário lógico uma diluição dos contornos da individualidade nos jovens e uma perda das suas "fronteiras do Eu"

Num plano mais optimista e sabendo que nem todas as famílias se relacionam com os seus filhos da forma mencionada preocupadamente por Lasch, muitos homens e muitas mulheres nesta época pós-moderna sabem que a melhor forma de contrariar o frágil sentido da individualidade é transformar a sua vida num projecto reflexivo contínuo. Este projecto é animado por uma preocupação acentuada com a interioridade (que torna, por exemplo, os cursos de psicologia muito populares entre os jovens de hoje) e com sua construção contínua.

Todavia, esta tarefa pode ser, segundo (Hargreaves, 1998:80) uma faca de dois gumes. Se por um lado pode constituir uma fonte de criatividade, de auto-capacitação e de adaptabilidade para a mudança; por outro pode também ser fonte de incerteza de vulnerabilidade e de demissão social.

No plano educativo, que é aquele em que nos movimentamos, importa pois sublinhar que, como qualquer mudança pessoal tem repercussões e conduz à mudança social (para o bem e para o mal), o papel dos professores e educadores deveria ser o de, dentro dos saberes das suas disciplinas e (ou) na transversalidade de eventuais projectos educativos, contribuir para a procura de uma autenticidade pessoal por parte dos seus alunos.

## NOTAS

(1) Giddens, denomina estes mecanismos "de desencaixe" porque descolam as relações sociais dos seus lugares específicos, recombina-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. Estes mecanismos são muito importantes para Giddens porque associados à reorganização do tempo e do espaço são os grandes responsáveis pela radicalização e globalização dos traços sociais pré-estabelecidos da modernidade, actuando, conseqüentemente, na transformação do conteúdo e da natureza da vida social quotidiana.

(2) Segundo Lyon (1997: 100 e 143) O consumo é mesmo considerado um "*eixo do código cultural dominante*". Por outro lado também se converteu "*numa actividade cultural do ócio, uma experiência de espectáculo do luxo ou da nostalgia*".

(3) Caudia Doná (1988) "Invisible Design" In John Thackara (Ed.) *Design After Modernism: Beyond the Object*. Londres: Thames and Hudson.

(4) Segundo Kerckove (1997: 267) o acto de ligar ou de desligar o acesso à Internet "*corresponde ao aumento da presença do ser no ciberespaço e fora do tempo, especialmente em modelos de transmissão assíncronos. O Eu on-line não se apoia em nenhum tipo de tempo, de espaço ou de corpo*".

(5) Para Hargreaves (1998: 80): "*O narcisismo é mais do que um centramento em si próprio. Com efeito abarca uma personalidade na qual a auto-estima se transforma numa forma ilimitada de auto-indulgência e de atribuição de importância a si próprio. Isto acarreta ilusões de onisciência e onipotência*". Já Baudrillard prefere o termo "*auto-referencialidade*" que vê mais indicado para classificar um fenómeno de busca deliberada (e desesperada) do sentido biográfico e da unidade narrativa pessoal, num mundo aparentemente desordenado e caótico.

## BIBLIOGRAFIA

- Bauman, Z. (1992). *Intimations of Postmodernity*. Londres: Routledge.
- Giddens, A. (1991). *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Oxford: Polity Press.
- Hargreaves, A. (1998). *Os Professores em Tempos de Mudança: O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Lisboa: Mc Graw Hill.
- Kerckhove, D. (1997). *A Pele da Cultura: Uma investigação sobre a nova realidade electrónica*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Lasch, C.(1979). *The Culture of Narcisism*. Nova Iorque: W.W. Norton.
- Lyon, D. (1997). *Postmodernidad*. Madrid: Alianza Editorial.
- Morin, E. (1969). *Cultura de massas no séc. XX. O espírito do Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Forense.
- Siqueira, H.(2001). *Identidade e Descontrole dos Fluxos da Pós-modernidade* [In <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/fluxos.htm> l (consulta de 10-12-01)].